

O retorno da opção preferencial pelos pobres: alguns aspectos a partir do pontificado do Papa Francisco

The Return of the Preferential Option for the Poor: Some Aspects from the Pontificate of Pope Francis

Ney de Souza

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Brasil

Tiago Cosmo da Silva Dias

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Brasil

Resumo

O desejo de uma Igreja dos Pobres sobrevém do Concílio Vaticano II (1962-1965), que ao inserir na Igreja a categoria da historicidade, libertou-a de um certo imobilismo institucional. O Concílio afirmou que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Na América Latina, essa concepção foi amadurecida com a opção preferencial pelos pobres, afirmada em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Desta última conferência, o então cardeal Jorge Mario Bergoglio, hoje papa Francisco, foi o presidente da comissão que redigiu o documento final. Desde 2013, eleito bispo de Roma, Francisco tem procurado levar sua experiência de Igreja latino-americana para a Igreja Universal, renunciando a símbolos e títulos que expressam poder, e não serviço, e demonstrando simplicidade nas maneiras de ser e de agir, reafirmando constantemente o seu desejo de uma “Igreja pobre para os pobres”. A finalidade deste artigo é demonstrar alguns dos aspectos e a atualidade da opção preferencial pelos pobres à luz do pontificado em curso, fazendo-se, ao mesmo tempo, uma recessão do que esta escolha representa para a igreja latino-americana.

Palavras-chave

Opção Preferencial pelos Pobres.
Papa Francisco.
CELAM.

Abstract

The desire for a Church of the Poor stems from the Second Vatican Council (1962-1965), which, by inserting the category of historicity into the Church, freed it from a certain institutional immobility. The Council affirmed that “the joys and hopes, the sorrows and anxieties of the men and women of today, especially the poor and all those who suffer, are also the joys and hopes, the sorrows and anxieties of the disciples of Christ.” (GS 1). In Latin America, this conception was matured with the preferential option for the poor, affirmed in Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) and Aparecida (2007). From this last conference, then Cardinal Jorge Mario Bergoglio, now Pope Francis, was the president of the commission that drafted the final document. Since 2013, elected Bishop of Rome, Francis has sought to bring his experience of the Latin American Church to the Universal Church, renouncing symbols and titles that express power, not service, and demonstrating simplicity in the ways of being and acting, constantly reaffirming his desire for a “poor church for the poor”. The purpose of this article is to demonstrate some of the aspects and the actuality of the preferential option for the poor in the light of the current pontificate, making, at the same time, a recession of what this choice represents for the Latin American church.

Keywords

Preferential Option for the Poor.
Pope Francis.
CELAM.

Introdução

A *opção preferencial pelos pobres* não foi cunhada no magistério do Papa Francisco, ainda que nele tenha encontrado sua atualidade e, o que é ainda mais surpreendente, com validade para a Igreja Universal, uma vez que ele é bispo da diocese de Roma, aquela que “preside as demais na caridade”.

Aqui se escolhe o termo *atualidade*, e não *atualização*, porque já é costume, na língua portuguesa, acrescentar o sufixo *-dade* àquilo que é constante - como no caso de uma pessoa *ansiosa* e se diz que está com *ansiedade*. Na pessoa de Bergoglio e no pontificado do atual bispo de Roma se assiste a uma preocupação efetiva com os pobres. Francisco é um homem que em quase 100% de suas viagens apostólicas dedicou tempo a visitar um hospital, uma prisão, uma favela. Um homem que vive a pobreza e diz, exaustivamente, “sonhar como uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

Na prática, nem sempre as atitudes e as palavras do Papa Francisco, que derivam do Evangelho, são vistas como “proféticas” e encaradas como

paradigmáticas. Ainda há muita resistência à figura do papa. Entretanto, Francisco tem chamado a atenção ao *essencial*; ou, como se dizia na época do Concílio, ao *ressourcement* - volta às fontes.

O artigo se divide e se organiza em duas sessões: na primeira, faz-se uma breve retomada acerca da opção preferencial pelos pobres, no intuito de expor o seu desenvolvimento até o pontificado em curso para, num segundo momento, verificar como a opção ganhou vida e notoriedade nas palavras e nos gestos do papa Francisco.

A opção preferencial pelos pobres

Não sem exageros, o ponto de partida, para além do Concílio, no que diz respeito à opção preferencial pelos pobres, pode ser situado no chamado Pacto das Catacumbas, um compromisso assinado por alguns bispos no dia 16 de novembro de 1965, prestes ao encerramento do Concílio, diante dos túmulos dos mártires Nereu e Aquileu. Ali, mais de quarenta bispos, celebrando a Eucaristia, assinaram um acordo que os comprometia pessoal e eclesialmente a se esforçar para reverter o escândalo da pobreza no mundo. Nesta atitude, a Igreja era chamada a ser mais solidária com os pobres, e os bispos prometiam viver com simplicidade, sem luxos ou regalias (cf. SOUZA, 2020, p. 426-428). Daqueles quarenta, nove eram de países latino-americanos e do Caribe.

Alguns anos depois, em 1968, aconteceu a II Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe (CELAM), em Medellín, com o tema geral *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II*. A ideia era fazer dialogar o Concílio (1962-1965), recém encerrado, com a realidade do continente latino-americano.

Um dado a se salientar, porém, é que apesar da eclesiologia do Vaticano II estar contida na Constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, Codina destaca que a novidade geral de Medellín foi abordar a eclesiologia do Vaticano II não a partir da *Lumen Gentium*, mas da *Gaudium et Spes* e da teologia dos sinais dos tempos, que constitui a maior originalidade do Concílio

e do que João XXIII (1958-1963) realmente desejava (2018, p. 65; 2017, p. 303).

De fato, já que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1), no discurso de abertura da Conferência de Medellín o cardeal Ricketts (1913-1997), arcebispo de Lima, no Peru, definiu qual seria a atitude da Igreja no decorrer dos trabalhos: saber escutar e saber estar presente. Saber estar presente significava comprometer-se com os esforços de emancipação; identificar-se com os pobres do continente e procurar libertá-los dos enganadores laços temporais e do peso de um prestígio ambíguo. Embora o texto conclusivo de *Medellín* reconheça a situação de pobreza, injustiça e desigualdade da América Latina, também estava impregnado de esperança na transformação da realidade (MELO, 2008, p. 33).

Em Medellín, porém, a pobreza é encarada sob três perspectivas: como *carência dos bens* necessários para uma vida humana digna, e que é um mal em si mesmo; como *espiritual*, que é a atitude de abertura a Deus; e como *compromisso*, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, a fim de testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual frente aos bens próprios do Reino (Medellín 14.4). Neste cenário, uma Igreja pobre:

Denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que a engendra.

Prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura para o Senhor.

Compromete-se ela mesma com a pobreza material. A pobreza da Igreja é, com efeito, uma constante na história da salvação (Medellín 14.5).

À época, os bispos propunham que se deveria tornar mais ousada a consciência do dever de solidariedade para com os pobres, o que significaria assumir os seus problemas e as suas lutas e saber falar por eles (Medellín 14.10).

Este caminho, aberto por Medellín, seguiu-se em Puebla (1979). Sobre ambas as conferências já se escreveu muito, tanto do ponto de vista teológico-ecclesial quanto do ponto de vista histórico-sociológico (cf. SOUZA, 2018; 2019). O período foi conturbado, primeiro, pela publicação da Encíclica *Humanae Vitae* (1968), de Paulo VI, que havia suscitado diversas controvérsias no campo da moral. Assistia-se também a laicização de numerosos padres. Alguns afirmavam que a opção pelos pobres estava sendo muito radicalizada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que passaram a ter mais cunho político do que, propriamente, religioso.

Paralelamente, faleceu o papa Paulo VI e, em seu lugar, assumiu o patriarca de Veneza, Albino Luciani (1912-1978), que escolheu o nome de João Paulo I e governou a Igreja por tão somente 33 dias. Com sua morte repentina, chegou a Sé de Pedro o polonês Karol Wojtyła (1920-2005), cujo nome pontifício escolhido foi João Paulo II (1978-2005). Naquele cenário, o novo papa já deixou claro, no seu discurso inaugural de Puebla, no dia 28 de janeiro de 1979, que a conferência deveria tomar como ponto de partida o que havia de positivo nas conclusões de Medellín, “mas sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomada de posição” (JOÃO PAULO II, 2004, p. 230). No mesmo discurso, o papa discorreu sobre alguns destes equívocos, tais como sobre a compreensão da missão de Jesus e da Igreja. Sobre esta última, o papa disse:

Na ampla documentação com que tendes preparado esta conferência, particularmente nas contribuições de numerosas Igrejas, se percebe, por vezes, certo mal-estar com respeito à própria interpretação da natureza e missão da Igreja. Alude-se, por exemplo, entre a separação que alguns estabelecem entre Igreja e Reino de Deus. [...] Produz-se em alguns casos uma atitude de desconfiança para com a Igreja “institucional” ou “oficial”, qualificada como alienante, à qual se oporia outra Igreja popular “que nasce do povo” e se concretiza nos pobres. Estas posições poderiam ter graus diferentes, nem sempre fáceis de precisar, de conhecidos condicionamentos ideológicos (JOÃO PAULO II, 2004, p. 238-239).

Com o conturbado período e tendo em vista as observações do papa, em Puebla a opção pelos pobres apareceu com o acréscimo de dois adjetivos:

preferencial e solidária, e com um objetivo preciso: a *libertação*. “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (Puebla, 1134).

A rigor, é a partir deste momento que se pode falar em uma opção preferencial pelos pobres, o que merece uma breve pausa, porque, antes de mais nada, a opção não se trata e nunca se tratou de uma estratégia pastoral para lotar as igrejas, como se fosse uma jogada de marketing: esta “opção” decorre do Evangelho, o que também não significa dizer que a Igreja quer que todos vivam na miséria, mas tão somente que os pobres são os privilegiados no que tange à ação pastoral da Igreja. Na verdade, os pobres precisam ser prioritários porque são os primeiros da mensagem evangélica, como se assiste na pregação de Jesus de Nazaré. “O Espírito do Senhor está sobre mim; ele me enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres” (cf. Lc 4,18).

Por detrás do termo “opção”, está a afirmação primeira de que, sim, trata-se de uma *escolha*. Já no AT, por exemplo, Israel é, igualmente, eleito por Deus para ser luz para as demais nações (cf. Is 49,6b); e, nisso, parece não haver pecado algum. Aliás, a grande novidade de Javé é o fato de Ele estar ao lado dos pobres, como se lê no livro do Êxodo: “Eu vi a aflição do meu povo, ouvi o seu clamor, conheço seu sofrimento; por isso desci para libertá-los da mão dos egípcios e fazê-los sair para uma terra que emana leite e mel” (cf. Ex 3,7). Os pobres, portanto, são os primeiros a quem Deus destina seu amor e sua atenção.

“Preferencial”, por sua vez, não significa exclusiva ou excludente. Por detrás de preferir, está também o sentido de serem os primeiros queridos; os primeiros a receberem a atenção; de serem os privilegiados - ou, ainda, os que tem a primazia. Ser o primeiro, porém, não significa ser o único: numa festa de aniversário, é costume se dar o primeiro pedaço de bolo, tradicionalmente, a quem mais se ama, mas todos comem igualmente do mesmo bolo. Os pobres devem ser os primeiros não por um privilégio ou por merecimento, mas por necessidade.

“Pobres” engloba toda a classe que, por definição, não tem voz, poder e importância, porque não tem recursos. Não se trata, aqui, de solucionar o problema da pobreza, porque isto até escapa da missão da Igreja - embora

esta precise, sim, denunciar e, sobretudo, caminhar ao lado. Trata-se muito mais de empoderá-los, à luz do Evangelho, para que sejam sujeitos de sua própria transformação.

Na Conferência de Santo Domingo, apesar de toda a dificuldade na redação e aprovação do documento conclusivo, essa verdade foi expressa quase que por inteiro:

Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos com renovado ardor a opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção, não exclusiva nem excludente, iluminará, à imitação de Jesus Cristo, toda nossa ação evangelizadora. A essa luz convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme à dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade (SANTO DOMINGO, 296).

O acréscimo do termo “evangélica”, ao se referir a opção preferencial pelos pobres, foi importante porque mostrava, acima de tudo, que a escolha derivava do próprio Evangelho, sobretudo numa época em que o termo “libertação” passou a ser alvo de uma certa perseguição.

Na continuidade, o texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho, realizada em Aparecida, 2007, do qual o Papa Francisco foi presidente da comissão de redação quando ainda era cardeal, afirma que “a opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (DAp 391).

Se essa opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: ‘Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo’. Eles desafiam o núcleo do trabalho da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo: ‘Tudo quanto vocês fizeram a um destes meus irmãos menores, o fizeram a mim’ (Mt 25,40) (DAp 393).

De fato, em Aparecida, sobretudo, um fato determinante para o destaque da opção foi o discurso inaugural proferido pelo então Papa Bento XVI, que disse que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé

crisológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)” (BENTO XVI, 2007).

Este vínculo já havia sido assinalado pelas três conferências latino-americanas anteriores. Nelas aparece nitidamente o fundamento crisológico da opção pelo pobre. Porém, sem dúvida, a formulação que achamos em Aparecida confere precisão, atualizada e um grande vigor a uma perspectiva que imprimiu um selo indelével na vida da Igreja do continente e além dele. Desse modo, a opção pelo pobre se constitui em um eixo do Documento de Aparecida, e o é porque, precisamente, trata-se de um eixo de vida e de reflexão para todo seguidor de Jesus (GUTIÉRREZ, 2008, p. 128).

Em 2013, o cardeal Bergoglio assumiu o ministério petrino; um homem que, já na sua primeira aparição, se mostrou pobre, com os mesmos sapatos pretos que havia calçado durante o conclave; a mesma cruz e anel de prata que levava de Buenos Aires; e somente com a batina branca, que marcava a sua função. Prestes a ser eleito, quando a contagem dos votos não havia ainda se encerrado, mas tudo apontava para sua eleição, Bergoglio ouviu do cardeal Hummes: “Não se esqueça dos pobres”. Na verdade, estas palavras, segundo Ivereigh (2014, p. 363), teriam ficado na mente do novo papa como um mantra, a ponto de lhe trazer à mente o nome de Francisco de Assis, o homem da pobreza, da paz e que amava cuidar da criação.

Francisco vive seu pontificado completamente alinhado às realidades concretas, o que significa dizer que seu pensamento e seus escritos renovam-se com base em seu contexto histórico, sempre na tentativa de responder aos problemas atuais. Consequentemente, desse seu posicionamento é possível identificarmos os temas que permeiam seu pontificado: a evangelização segundo uma renovada alegria, convidando a Igreja para manter-se “em saída”; a busca por fundamentar os seus discursos alicerçados na experiência de encontro com Jesus, na volta às fontes, às Escrituras e ao Concílio Vaticano II; a misericórdia e o pobre com toda a sua realidade. Todos esses temas provocam a sua ação e estão articulados na experiência com o Cristo encarnado (RONSI, 2018, p. 252).

De fato, o papa argentino parece cada vez mais latino-americano não só na afirmação de sua origem, mas na sua maneira de pensar a igreja e pastoreá-la; ou, ainda, pela base de sua teologia (MANZATTO, 2015, p. 184).

O Papa Francisco e os pobres

Um dado a se notar, no pontificado em curso, é que em quase todas as viagens apostólicas, feitas pelo Papa Francisco, o bispo de Roma sempre encontra um tempo para fazer uma visita aos pobres, entendido num sentido amplo: em 2013, quando esteve no Rio de Janeiro, fez uma visita ao Hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus; em 2014, ao visitar a Terra Santa, fez uma saudação às crianças dos campos de refugiados de Dheisheh, Aida e Beit Jibrin no Phoenix Center do Campo de refugiados de Dheisheh, além de se encontrar com os refugiados e com jovens deficientes em Betânia junto do Jordão; no mesmo ano, na visita a Albânia, encontrou-se com as crianças do Centro de Assistência Betânia e outras, assistidas por outros institutos de caridade do local; no final do mesmo ano, na viagem à Turquia, fez uma saudação aos jovens refugiados assistidos pelos salesianos na Catedral do Espírito Santo; em 2015, na Bolívia, visitou o Centro de Reabilitação Santa Cruz e, no Paraguai, visitou o Hospital Pediátrico ‘Niños de Acosta Ñu’; em 2016, esteve na Ilha de Lesbos, onde se encontrou com a população e fez memória das vítimas das migrações; em 2019, numa viagem à Moçambique, visitou ao Hospital de Zimpeto. Estes, na verdade, são apenas alguns dos exemplos para ilustrar o quanto o papa faz questão de estar com os que realmente precisam da atenção da Igreja, que aqui também se inclui na categoria “pobres”, compreendida num sentido amplo.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada em 2013, saltam aos olhos alguns parágrafos, como o número 195: “A própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora”; ou o 197: “Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres”; ou ainda, por fim, o 198:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito para nos ensinar. [...] É necessário que nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica de suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja (EG 198).

Também na Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da Casa Comum, o papa escreveu que o princípio do bem comum era uma consequência lógica e inevitável da opção preferencial pelos mais pobres.

Esta opção [...] exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum (LS 158).

Aliás, foi certamente neste espírito que o Papa Francisco instituiu, no ano de 2017, para o 33º domingo do Tempo Comum, o Dia Mundial dos Pobres. A intuição, unida à inspiração, foi bastante inteligente, porque ficou instituído o dia para um domingo antes de se celebrar a solenidade de Cristo Rei, o que, por si, já ensina algo: antes da realeza de Cristo, estão os pobres, os preferidos de seu Reino; o projeto de Jesus, o Reino de Deus, do qual a Igreja é sinal, só chegará à plenitude quando se aprender a cuidar dos pobres. Jesus é Rei, acima de tudo, dos pobres. Aliás, o próprio papa afirmou essa realidade quando escreveu na I Mensagem para este dia:

Na verdade, a realeza de Cristo aparece em todo o seu significado precisamente no Gólgota, quando o Inocente, pregado na cruz, pobre, nu e privado de tudo, encarna e revela a plenitude do amor de Deus. O seu completo abandono ao Pai, ao mesmo tempo que exprime a sua pobreza total, torna evidente a força deste Amor, que O ressuscita para uma vida nova no dia de Páscoa (PAPA FRANCISCO, 2017).

Até mesmo na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate*, sobre o chamado à santidade nos dias atuais, de 2018, o papa escreveu:

[...] Não há mais duas fórmulas ou dois preceitos: [Jesus] entrega-nos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus, que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerte e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. De fato, será com os descartados desta humanidade vulnerável que, no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte. (GeE 61)

O que se percebe, portanto, é que a conversão pastoral sonhada por Francisco faz ver que o serviço aos pobres é tão essencial à Igreja quanto a

pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos; um serviço que, segundo Melo, pode se concretizar de duas maneiras: a solidariedade imediata e o compromisso na luta em favor da justiça, duas realidades que se interpenetram (MELO, 2008, p. 37).

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma (PAPA FRANCISCO, 2017).

No dia em que se celebrou o II Dia Mundial dos Pobres, em 2018, o Papa Francisco, na homilia da Santa Missa, exortou:

[...] Peçamos a graça de ouvir o grito de quem vive em águas borrascosas. O grito dos pobres: é o grito estrangulado de bebês que não podem vir à luz, de crianças que padecem a fome, de adolescentes habituados ao fragor das bombas em vez de o ser à algazarra alegre dos jogos. É o grito de idosos descartados e deixados sozinhos. É o grito de quem se encontra a enfrentar as tempestades da vida sem uma presença amiga. É o grito daqueles que têm de fugir, deixando a casa e a terra sem a certeza dum refúgio. É o grito de populações inteiras, privadas inclusive dos enormes recursos naturais de que dispõem. É o grito dos inúmeros Lázarus que choram, enquanto poucos epulões se banqueteam com aquilo que, por justiça, é para todos. A injustiça é a raiz perversa da pobreza (PAPA FRANCISCO, 2018).

Como, de certa forma, forçou o bispo de Roma na mensagem para o dia mundial do pobre de 2019, é bom que cada um se pergunte: “Eu, cristão, tenho pelo menos um pobre de quem sou amigo?” (FRANCISCO, 2019). Assim se perguntando, é bom também se questionar quem são os pobres de hoje, uma vez que a categoria “pobre”, segundo o papa, parece ampliar-se sempre mais:

O Evangelho de Cristo impele a ter uma atenção muito particular para com os pobres e requer que se reconheça as múltiplas, demasiadas, formas de desordem moral e social que sempre geram novas formas de pobreza. Parece ganhar terreno a concepção segundo a qual os pobres não só são responsáveis pela sua condição, mas constituem também um peso intolerável para um sistema económico que coloca no centro o interesse dalgumas categorias

privilegiadas. Um mercado que ignora ou discrimina os princípios éticos cria condições desumanas que se abatem sobre pessoas que já vivem em condições precárias. Deste modo assiste-se à criação incessante de armadilhas novas da miséria e da exclusão, produzidas por agentes económicos e financeiros sem escrúpulos, desprovidos de sentido humanitário e responsabilidade social. (PAPA FRANCISCO, 2021, 5)

A pobreza aumenta e, de certa maneira, há algumas alas da Igreja que ainda acreditam que a pobreza não um problema eclesial. Na América Latina, um olhar para a história faz perceber que não foi assim que se constatou. Logo, é preciso por as mãos à obra.

Considerações finais

É notória a convicção do Papa Francisco no que diz respeito à opção preferencial pelos pobres, como fruto, inclusive, de sua formação, de seu pastoreio e, especialmente, de sua análise de conjuntura, se assim se pode dizer, tanto da realidade quanto da própria Igreja, por vezes perdida em valores efêmeros e conflitos em virtude de cargos, poder, vaidades e assim sucessivamente. Aliás, em outubro de 2021, o papa fez uma declaração afirmando que tinha conhecimento de que alguns o consideravam uma “praga” na Igreja, pelo fato de ele sempre defender os pobres, e deixou claro que isso, em nada, o faria mudar de postura.

De fato, para o papa, o que justifica a existência do cristão é ajudar alguém a viver melhor (EG 274). Logo:

Se o núcleo da nossa fé é a caridade, o cuidado com o outro, a sensibilidade pelos mais sofridos, então o conhecimento doutrinal, as normas morais, o cumprimento de preceitos, os atos de culto, devem lhe estar submetidos, pois deste núcleo recebem seu sentido e sua razão de ser. Cada ato de amor fraterno significa o Reino de Deus acontecendo, a vontade de Deus sendo realizada, o mundo se tornando mais humano e cristão (MIRANDA, 2017, p. 169).

Como escreveu Boff, parafraseando o Evangelho, “houve um homem enviado por Deus para realizar essa missão messiânica. Seu nome é Francisco de Roma, inspirado em Francisco de Assis. Ambos foram chamados, em seu tempo, para restaurar e refundar a Igreja de Cristo e dos Apóstolos” (BOFF,

2013, p. 129). Agora é caminhar com ele e abraçar o seu projeto, porque, afinal de contas, o que antes poderia ser considerado apenas um projeto local e, de certa forma, até periférico, com o pontificado em curso acaba por ser legitimado; e, o melhor: pela via oficial da Tradição.

Referências

- BOFF, Leonardo. O Papa Francisco e a Refundação da Igreja. In: SILVA, José Maria da [org.]. *Papa Francisco: Perspectivas e Expectativas de um Papado*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 121-129.
- CELAM. *Documentos do CELAM*. Rio - Medellín - Puebla - Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007.
- CODINA, Víctor. Hacer teología en medio de los pobres. *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 102, p. 301-309, 2017. Disponível em: <http://www.redicces.org/sv/jspui/bitstream/10972/3944/1/RLT-2017-102D.pdf> Acesso em: 14 jan. 2022.
- CODINA, Víctor. La ponencias de Medellín. *Perspectiva Teológica*, n. 50, p. 59-76, 2018. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3953/3955> Acesso em: 14 jan. 2022.
- GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195). In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini. *Evangelii Gaudium em Questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014, p. 75-92.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Aparecida: a opção preferencial pelo pobre. In: AMERINDIA [org.]. *V Conferência de Aparecida*. Renascer de uma esperança. Trad. Luís Marcos Sander. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 123-137.
- IVEREIGH, Austen. *The great reformer*. Francis and the Making of a Radical Pope. 1. ed. New York: Henry Hold and Company, 2014.
- MANZATTO, Antônio. O Papa Francisco e a Teologia da Libertação. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIII, n. 86, p. 183-203, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.v0i86.26048/18695> Acesso em: 10 jan. 2022.

MELO, Antônio Alves. de. Opção Preferencial pelos Pobres e Excluídos. Do Concílio Vaticano II ao Documento de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 68, n. 269, p. 21-39, 2008. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1464/1306> Acesso em: 22 dez. 2021.

MIRANDA, Mário de França. *A reforma de Francisco*. Fundamentos Teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

PAPA BENTO XVI. *Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. In: *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007, p. 267-284.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2018.

PAPA FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco*. Dia Mundial dos Pobres. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/pa-pa-francesco_20191117_omelia-giornatamondiale-poveri.html Acesso em: 27 dez. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Homilia no II Dia Mundial dos Pobres*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-11/integra-homilia-papa-dia-mundial-pobres.html> Acesso em: 22 dez. 2021.

PAPA FRANCISCO. *I Mensagem para o Dia Mundial do Pobre*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html Acesso em: 22 dez. 2021.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o V Dia Mundial dos Pobres*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html> Acesso em: 14 jan. 2022.

PAPA JOÃO PAULO II. Discurso inaugural pronunciado no Seminário Palafoxiano de Puebla de los Angeles, Mexico. In: *Documentos do Celam*. Rio - Medellín - Puebla - Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 229-252.

PULLELLA, Philip. *Papa Francisco afirma que continuará sendo uma “praga” em defesa dos pobres*. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/papa-francisco-afirma-que-continuara-sendo-uma-praga-em-defesa-dos-pobres/> Acesso em: 14 jan. 2022.

RONSI, Francilaide de Queiroz. Medellín, 50 anos depois: uma Igreja “em saída”. *Revista Fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 240-261, jul./dez. 2018. Disponível em:

<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1279/1119> Acesso em: 10 jan. 2022.

SOUZA, Ney. *História da Igreja*. Notas introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2020.

SOUZA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (orgs.). *Medellín*. Memória, profetismo e esperança na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2018.

SOUZA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson. (orgs.). *Puebla*. Igreja na América Latina e no Caribe, opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019.

Trabalho submetido em 19/01/2022.

Aceito em 04/06/2022.

Ney de Souza

Pós-doutorado em Teologia PUC Rio. Doutorado em História Eclesiástica, Gregoriana, registro USP. Professor do Programa de pós em Teologia PUC SP. Líder do Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7866-8041>. Email: ney.souza07@terra.com.br

Tiago Cosmo da Silva Dias

Mestre em Teologia Sistemática no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa de fomento pela CAPES/PROSUC. Possui pós-graduação lato sensu em Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática (2020), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e em Religião e Cultura (2018) pelo Centro Universitário Assunção (Unifai). É graduado em Teologia (2018) e Filosofia (2014), pela Faculdade Paulo VI, em Mogi das Cruzes; e em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Nove de Julho (2009). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3851-1696>. Email: pe.tiagocosmo@gmail.com